

# Um brasileiro de verdade

Miriam Alencar

**Í**NDIO não é bicho, é gente mesmo". A frase é forte e de impacto. Mas não é demagógica. É uma afirmação sincera do cacique Raoni, quando procura no seu linguajar simples, claro e objetivo mostrar a situação de sua tribo Mekronoti, que vive no Parque Nacional do Xingu. Frases como essas ou até mais importantes entremelam o documentário Raoni, realizado por Jean Pierre Dutilleux e Luiz Carlos Saldanha. E a visão que se tem é limpa, quando são os próprios índios que debatem seus problemas e mostram que têm uma visão clara da situação que os atinge.

Além da nação Mekronoti, são focalizados na discussão da situação indígena, e participam dos debates que se mostram na tela, os representantes das nações Yalapity, Kajabi, Suyá e os últimos Kre-Akaores, que já foram 250 e no decorrer dos trabalhos da Transamazônica, como explica o próprio cacique Raoni, foram reduzidos a 60, "que escaparam das doenças trazidas pelos caraiabas (brancos)".

Raoni não é um documentário comum, de narração pura e simples. Nele, os autores souberam conduzir o debate através dos próprios índios. São eles que falam dos problemas e mostram uma conscientização mais profunda do que se possa imaginar. É sintomático quando o cacique Raoni, pintado com as cores de guerra, afirma:

— Se índio for civilizado não vai mais poder caçar nem pescar. A estrada (Transamazônica) cortou a terra e índio ficou triste porque índio não é burro.

Ou ainda, quando à propósito da emancipação, severamente ele diz:

— Não quero perder nossa (da tribo) vida, queremos ficar assim. Índio trabalha e não é preguiçoso.

que acontece no decorrer de Raoni é a observação crescente da informação que o índio tem do que vem acontecendo com sua gente, com suas nações, no decorrer dos séculos e no momento atual. O índio sabe que "a civilização mata as histórias e o passado das tribos com suas tradições" e chega a ser espantoso ver Raoni afirmar que "o índio não pode aceitar o branco chegar e dizer aqui vou construir minha casa", porque ele sabe que está sendo tomada sua terra.

Um dos momentos mais importantes do documentário é quando, reunidos os elementos das várias tribos, todos pintados e armados para a guerra, o outro cacique da tribo Mekronoti toma a postura de beligerância para dizer: "Ninguém vai segurar o índio, nem a Funai, vamos lutar porque a gripe já matou as crianças e os velhos".

A postura de guerra, a preparação para a luta, não é uma simples encenação cinematográfica. Raoni, e seus guerreiros fizeram questão de mostrar que, embora munidos apenas com seus tacapes, sob cocares de significação secular, preferem morrer lutando para manter o pouco da terra que lhes resta.

Todo o problema que se levanta no documentário Raoni é em função da demarcação total das fronteiras do Parque Nacional do Xingu, onde apesar de não terem mais a vastidão da selva se sentem a salvo do perigo da civilização. O pouco que falta para completar a demarcação é suficiente para permitir a invasão dos fazendeiros que vão em busca da madeira, — como mostra o filme que surpreende um trabalho de derrubada com tratores — e de outras riquezas da região. Raoni não é um cacique semicivilizado. Mas apenas um índio que no contato permanente com indianistas como os irmãos Villas Boas, é informado o suficiente para manter um contato e uma discussão sobre os problemas de sua gente. Raoni sabe inclusive dialogar, mas sabe também o que é certo e o que é errado. Isso fica bem claro no momento em que são colocados, frente a frente, ele e o antigo presidente da Funai.

Vencedor do Festival de Gramado nas categorias de melhor filme, melhor fotografia, melhor música e melhor montagem, e posteriormente indicado para concorrer ao Oscar na categoria de melhor documentário, Raoni chegou a provocar celeuma a respeito da sua nacionalidade, pois conta com elementos não brasileiros na produção e direção. Este aspecto, bem como a realização do filme e as dificuldades enfrentadas, o produtor Pierre Louis Saguez esclarece:

Depois de várias vezes premiado no Festival de Gramado, de ter concorrido ao Oscar na categoria de documentário, e da celeuma criada em torno de sua nacionalidade, Raoni entra em cartaz amanhã, no cinema Ricamar. Forte, humano, o filme consegue emocionar pela sinceridade das palavras que são lançadas ao espectador pelo cacique Raoni e sua gente. Documento, verdade, Raoni é a visão de um mundo que parece distante, mas que está muito perto de nós, e escapa ao homem da cidade diante dos problemas menores que o envolvem. Raoni é um pouco de nós, muito de nossa gente, e tudo dos verdadeiros donos da terra.



Raoni e Jean-Pierre Dutilleux são amigos há três anos, mas mesmo assim o cacique só concordou em fazer o filme quando o diretor garantiu que a finalidade era defender os direitos dos índios



O conselho de guerra decide resistir até à morte às invasões de seu território e à destruição das florestas pelos tratores das empresas madeireiras que atuam na região da Transamazônica

— Em princípio, é bom esclarecer quem são os autores do filme. Eu moro há sete anos no Brasil e mantenho minha firma produtora inteiramente legalizada. O co-produtor Barry Williams, inglês, há 10 anos mora em São Paulo. O diretor Jean Pierre Dutilleux é um "cidadão do mundo", já realizou vários documentários no Brasil antes de Raoni e conhece intimamente a região do Xingu como poucas pessoas. O outro diretor e fotógrafo,

Luiz Carlos Saldanha, é amigo de Jean Pierre e meu há anos. Ele não entrou no filme apenas para dar nacionalidade, pois não havia necessidade disso. Clive Kelly, que aparece como ator, fazendo a ligação com os índios e levantando questões, mora em São Paulo há nove anos e é proprietário do Pub Vitória, no centro da Capital paulista. Aos que dizem que fizemos demagogia e oportunismo eu respondo que vejam o filme e desafio a que façam outro filme como esse.

Raoni não recebeu nenhum financiamento oficial. Todo o dinheiro veio dos produtores, uma parte conseguida inclusive com empréstimos de altos juros. Seu preço total é de Cr\$ 3 milhões. Antes de Raoni, o produtor Pierre Saguez já produzia filmes de publicidade e documentários, inclusive na Europa.

A produção de Raoni começou em março de 1976. Em 1977 foi apresentado no Festival de Cannes, na mostra paralela Air du Temps:

— O filme foi apresentado como franco-belga — diz Pierre — porque era a única chance de ser mostrado, atendendo a um convite do produtor francês Michel Gast. Nós achamos que isso facilitaria a carreira do filme no Brasil, pois ele corresponde a todos os itens como produto brasileiro. E em Cannes passou como franco-belga pois foi a única forma de entrarmos no Festival e fazer com que fosse visto. Embora a distribuição seja da Embrafilme, não recebemos dela nem um tostão. Roberto Farias prometeu dar Cr\$ 500 mil de adiantamento de bilheteria para o Brasil, excetuando Rio e São Paulo, em carta datada de 8 de março, mas esse dinheiro nunca veio.

E não foi fácil filmar Raoni. Para fazê-lo, fixando-se no Xingu com a equipe por cinco semanas, Jean-Pierre Dutilleux utilizou-se de uma autorização da BBC para fazer um outro documentário. Os contatos foram feitos com o cacique Raoni, a quem Jean Pierre já conhecia há três anos. E Raoni só permitiu a filmagem depois de fazer um pacto de amizade com Jean Pierre, de que o filme seria para falar da situação dos índios e mostrar seus problemas. Raoni instalou a equipe na aldeia, mandou que construíssem uma casa para o grupo e passou a chamar gente das outras tribos. Levava a equipe e mostrava o que acontecia, como a derrubada de madeira pelos tratores. Levava para caçar e pescar, e procurava saber tudo a respeito de seus direitos. Ele mesmo se interessou em conhecer a situação dos índios nos Estados Unidos.

— Tudo foi facilitado — diz Pierre — porque Jean-Pierre Dutilleux tem uma grande pesquisa sobre minorias tribais, inclusive sobre a demarcação de terras do Xingu, que hoje já está quase que todo demarcado e sabemos que o filme ajudou muito. A entrevista entre Raoni e os índios com o General Ismarth de Oliveira foi uma grande coincidência, que só serviu para valorizar o trabalho. Os irmãos Villas Boas também deram valiosa contribuição. O que se deduz de tudo é que a situação do índio é preocupante e o filme procura mostrar isso. O índio é contra a assimilação pela civilização. O Xingu ainda é o lugar em que se sentem seguros e sua esperança é que a Funai tenha mão forte para protegê-los. Uma das coisas que mais os deixa ofendidos é saber que são considerados como crianças, incapazes de ter vontade própria.

— O índio é tão inteligente — continua Pierre Saguez — que as índias tomam raízes anticoncepcionais para reduzir a natalidade. A idéia é de que se eles forem poucos, mas fortes, não haverá o perigo de dispersão e poderão enfrentar "os perigos" com mais facilidade. As próprias mulheres afirmam que se forem ajudados, deixarão de tomar as raízes e voltarão a deixar suas tribos florescerem.

O resultado de tudo isso, é que depois do pacto de amizade e ajuda feito com o cacique Raoni, a produção do filme abriu uma conta chamada Fundação Vida Tribal, nº 4 618-3, na agência do Banco do Brasil da Av. Paulista, SP, e lá já colocou 10% do prêmio ganho em Gramado. Vão também colocar 10% de todo o lucro do filme. Isto porque a Funai explicou que se as terras ainda não foram inteiramente demarcadas no Parque Nacional do Xingu — e pode ser ouvido e visto no filme — é por falta de verba. O dinheiro da Fundação Vida Tribal é para auxiliar na demarcação. No momento, a conta está bloqueada até que se completem algumas exigências legais. Mas quando voltar a ser aberta, as contribuições podem ser feitas.

Esse foi também um dos motivos pelo qual Marlon Brando aceitou fazer a dublagem do filme sem cobrar um tostão. E mais: quando for exibido nos Estados Unidos — já está sendo tratado o circuito — do dinheiro que Marlon Brando ganhar na parte que lhe cabe da renda do filme, mediante contrato, Cr\$ 100 mil já foram destinados à conta do cacique Raoni.

— Raoni está aí para ser visto, analisado e discutido. A quem ainda quiser alguma prova da nacionalidade, podemos mostrar os recibos da Kodak, em São Paulo, pelos negativos, da revelação do filme na Líder de São Paulo, da mixagem na Somil, da dublagem na Nel-Son, feita por Paulo Cesar Perelo e que saiu muito melhor do que a dublagem francesa feita pelo ator Jacques Perrin.